

O que é que tem de especial? Variações de formatos nas reportagens na web da piauí

What's special about it?

Format variations on the web reporting of piauí

Lucas Santos Carmo Cabral

Universidade Federal de Santa Catarina

eu@lucascabral.net

<https://orcid.org/0000-0002-7613-4035>

*Karina Janz Woitowicz*¹

Universidade Estadual de Ponta Grossa

karinajw@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7644-8560>

https://doi.org/10.14195/2183-6019_16_3

Abstract:

This article aims to present how web journalism resources can intensify the literary and magazine journalism and in-depth reporting characteristics. The focus of the analysis are the internet exclusive special reports produced by the piauí magazine in the years of 2018 and 2019, on a selection of four publications that aggregate sets of reports. The investigation has the proposal of using its own methodology, which tries to create a crossing between the characteristics of the focused formats, such as online, research and style. It is possible to conclude that the website maintains aspects of literary journalism, valuing characteristics such as humanization and contextualization, in addition to the search for perpetuity in the publications. As for the characteristics of web journalism, it is noticed that the possibility of updating the publication brings deepening or correction of the material over time and that the most used tool is the hyperlink, which perform different functions in the text, deepening its content. The observed characteristics are far from being innovative, but the internet is used as a device to intensify factors such as contextualization and high-level

detailing that are frequently highlighted in literary journalism studies.

Keywords: Literary journalism; web journalism; in-depth reporting; special reports; piauí magazine.

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar como os recursos do webjornalismo podem intensificar as características do jornalismo literário, de revista e das grandes reportagens. O objeto de análise compreende os especiais para internet da revista piauí nos anos de 2018 e 2019, em um recorte de quatro materiais que agregam conjuntos de reportagens. A investigação é feita com a proposta de aplicação de uma metodologia própria, na busca de realizar um cruzamento entre as características dos formatos trabalhados, tais como especificidades do on-line, apuração e estilo. É possível concluir que o site mantém aspectos do jornalismo literário, prezando por características como a humanização e a contextualização, além da busca por uma perenidade no material. Quanto às características do webjornalismo, percebe-se que a possibilidade de atualização da publicação traz

aprofundamento ou correção do material ao longo do tempo e que a ferramenta mais utilizada é a dos hiperlinks, que exercem diferentes funções no texto, aprofundando seu conteúdo. Os aspectos encontrados estão longe de ser inovadores, mas permitem constatar que a internet funciona como dispositivo para intensificar fatores como a contextualização e o alto nível de detalhamento, presentes nos estudos sobre jornalismo literário.

Palavras-chave: Jornalismo literário; webjornalismo; grande reportagem; especial jornalístico; Revista piauí.

Introdução

A *piauí*¹ é uma revista mensal com peculiaridades. Diversas pesquisas anteriores a esta investigam relações entre a literatura e o jornalismo em suas páginas (Carvalho, 2008; Colbachini, 2011; Pires, 2016; Valentini, 2011). É, como se pode ler na apresentação da publicação, uma revista para quem gosta de ler. Uma revista que dura um mês. Os responsáveis da *piauí* defendem, ainda, que produzem com calma e dão tempo para seus jornalistas trabalharem.

A primeira edição da revista foi publicada em 2006, idealizada por João Moreira Salles, filho de Walther Moreira Salles, embaixador e banqueiro brasileiro. Apesar de o termo “jornalismo literário” não aparecer nos textos de apresentação da revista, trata-se de uma publicação que se apoia na tradição da revista *Realidade*, fundadora do formato no Brasil na década de 1960, e em autores como Euclides da Cunha e João do Rio, que se firmaram na história da imprensa

como representantes de um jornalismo nas fronteiras com a literatura.

A revista possui uma pauta generalista. Ou seja, não concentra seus esforços em temas específicos. Além disso, defende a liberdade dos jornalistas durante a produção. Conta, atualmente, com 49 pessoas em sua equipe, além de centenas de colaboradores. Seu site também existe desde 2006 e concentra, além de textos transpostos da revista, *podcasts*, *fact checking*, colunas e, o objeto desta pesquisa, conteúdos exclusivos da internet. Dentre esses conteúdos exclusivos, estão as reportagens especiais que serão exploradas aqui.

A revista publica, de fato, textos longos. A média de caracteres dos 20 materiais analisados neste artigo é de 10 mil por texto. A periodicidade do portal é diferente do veículo impresso já que, pelo menos, um texto por dia é publicado. Apesar disso, parte das reportagens têm o mesmo teor encontrado no veículo impresso, ou seja, são histórias longas que, muitas vezes, descartam as características de objetividade e se apropriam do mesmo formato do jornalismo da revista.

De que maneira um veículo que, impresso, se compromete a durar um mês, se comporta no imediatismo da internet? As discussões sobre os textos longos na web são frequentes, mas acabam, muitas vezes, se referindo a materiais cheios de movimento, som e os mais diversos artifícios. E quando isso não acontece?

Essa pesquisa é uma análise dos especiais publicados no site da revista *piauí* e identifica características do jornalismo literário conjugadas com elementos da produção na internet. Utiliza, para tanto, a bibliografia sobre webjornalismo e suas principais características (Canavilhas, 2014; Mielniczuk, 2003; Palacios, 2010), reportagens em profundidade, jornalismo investigativo, literário e de revista (Fontana, 2006; Lima, 2008; Pena, 2007; Sommer, 2005).

Os traços presentes nas referências sobre jornalismo literário como “muitas entrevistas, bate-pé do repórter, pesquisa em arquivos, exaustiva investigação de fatos, levantamento de dados” (Sommer, 2005, p. 9) são mais facilmente pensados em textos de periodicidade não diária. Por isso, pode ser mais difícil encontrá-los em um

1 Em todo o trabalho, será utilizada a grafia do nome da revista com letra minúscula, como é utilizado nos textos do próprio veículo.

portal da web. Aqui se identificam as principais características que fazem com que os textos da revista *piauí* sejam chamados de jornalismo literário e também as marcas deixadas pelo webjornalismo nas publicações do portal.

A pesquisa se faz necessária porque a internet ainda transforma o jornalismo e o modo de pensar sobre ele. Para Murray (2003, p. 11), “a invenção de um novo meio de expressão significa um aumento em nossa habilidade de criar histórias”. A análise proposta tenta entender se as ferramentas da internet são utilizadas para aumentar a capacidade de contar histórias e desenvolver reportagens em profundidade.

Desta forma, as principais questões que nortearam a pesquisa são: Quais são as características do jornalismo literário presentes nas reportagens publicadas no portal da revista *piauí*? E de que forma a revista utiliza recursos do webjornalismo, já que possui um portal com editor próprio e conteúdos exclusivos?

Para isso, defende-se a necessidade de desenvolvimento de uma metodologia que consiga explorar as

características do objeto escolhido. A partir da leitura de bibliografia, foram definidas as seguintes categorias de análise: características do on-line, de apuração e de estilo, detalhadas a seguir.

Os especiais da *piauí*: um percurso metodológico

A pesquisa dialoga com referências teóricas do jornalismo literário e do webjornalismo para compor as bases metodológicas para a análise dos especiais da *piauí*. Parte-se da curiosidade de compreender como dois modelos com lógicas tão diferentes, como a instantaneidade (Canavilhas, 2014) e o trabalho de grande investigação (Sommer, 2005), mas que, ao mesmo tempo, tentam coisas muito parecidas, como a imersão (Lima, 2008; Murray, 2003), funcionam em conjunto. As grandes reportagens - seja em veículos que acompanharam a transição do impresso para as plataformas online, seja em nativos digitais - podem revelar aspectos inovadores no processo de construção narrativa, na perspectiva de Lenzi (2019). Trata-se de compreender, portanto, como

um veículo jornalístico que anda na contramão da brevidade e da instantaneidade da internet pode se apropriar das características desse meio para potencializar seus interesses de produzir textos longos, interessantes e com apurações aprofundadas.

O primeiro passo foi a escolha de um objeto empírico que pudesse sustentar a discussão aqui proposta. A *piauí* foi escolhida por se tratar de uma revista que surgiu no meio impresso, utiliza técnicas literárias e, desde 2006, possui um site. O portal, com o tempo, deixou de representar apenas uma republicação da revista e hoje tem conteúdos exclusivos. Para o recorte, foram considerados apenas os conteúdos exclusivos do portal, o que levou à escolha das reportagens especiais, que se referem a materiais mais elaborados.

Entre os anos de 2018 e 2019, encontra-se um total de sete especiais que agregam 30 textos, 14 vídeos em “Diz aí, mestre” e 42 infográficos em “=Igualdades”.² A pesquisa com-

² O especial “Eleições 2018” foi excluído do recorte por se tratar de uma disponibilização temporariamente gratuita de um conteúdo transposto da revista. Os especiais

Tabela 1. Descrição de cada especial da *piauí* analisado

Fonte: Elaborado pelo autor

Especial	Tema
Anais do abuso	Uma série de três reportagens sobre como a palavra “novinha” ganhou conotação sexual.
Minhas casas, minha vida	Reportagem especial sobre o patrimônio da família Temer. A reportagem principal foi publicada também no impresso e se expande no portal.
Anais das redes	Conjunto de reportagens sobre redes sociais e eleições, sobre palavras mais pesquisadas no <i>Google</i> e sobre a #elenão.
Implant Files	Investigação global do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos sobre a indústria de implantes. No Brasil, a revista <i>piauí</i> e a <i>Pública</i> participaram do projeto.

preende quatro reportagens especiais, que totalizam 20 textos, conforme descrição presente na Tabela 1:

A análise não estava focada somente em compreender de que forma ocorre a utilização da linguagem literária, ou as características do conteúdo publicado pela *piauí* ou, até mesmo, as constantes adaptações de uma revista impressa para o ambiente digital. O interesse principal era estudar o cruzamento entre dois formatos: o jornalismo literário e o webjornalismo.

Uma abordagem interessante para o estudo de formatos é a de Braga (2006) em sua análise do programa *Roda Viva*. O autor explica que “a noção de ‘formato’ inclui mas ultrapassa a descrição da organização do produto e das táticas imediatamente visíveis, que se repetem, como um molde para a identidade do programa” (Braga, 2006, p. 2).

As especificidades do objeto moldaram a maneira como foi realizada a análise. Esta perspectiva implica

focar no que o jornalismo tem de diferente e único (Meditsch, 1998). Significa dizer que os modos de fazer jornalismo pela equipe da *piauí* nortearam a busca pelos critérios de investigação.

Para o desenvolvimento da análise, foi feita inicialmente uma observação dos conteúdos que fazem parte do recorte, que compreende os quatro especiais da *piauí*. Após a leitura e identificação de características gerais, organizaram-se os materiais numa tabela na qual foram identificadas as características do on-line, de apuração e de estilo. Embora não figure como uma categoria de análise, também foi possível identificar nas reportagens publicadas no portal da *piauí* características de gêneros jornalísticos, que revelam aspecto interessante de um hibridismo dos gêneros informativos, opinativos e interpretativos nos textos da revista.

Seixas (2009) defende que o paradigma da informação *versus* opinião, além de ter paralisado a discussão de gêneros jornalísticos, é um paradigma falso, pois um não impede o outro. A pesquisadora cita os critérios utilizados por Marques de Melo (1985) para

a definição dos gêneros. Foram eles: a intencionalidade, de reproduzir o real ou ler o real, e a natureza dos relatos observáveis, os informativos, feitos a partir de um referencial externo à instituição, e os opinativos, quando a mensagem também é determinada por critérios como a autoria e a angulação (Seixas, 2009). Deste modo, as formas como o repórter direciona o texto poderiam influenciar fortemente o gênero jornalístico ao qual ele se vincula, por não estar preso às diversas regras referentes à escrita jornalística.

Marques de Melo, à época, não considerava o gênero interpretativo, que era destacado por Beltrão (1976) para definir as reportagens em profundidade. Mais tarde, porém, o autor reconhece o gênero jornalístico e, inclusive, destaca sua proeminência e desenvolvimento ao longo do tempo (Seixas, 2009). É no gênero interpretativo que seriam “encaixadas” com maior facilidade as reportagens da *piauí*.

Quanto às características do on-line, foi observada a presença ou não de ilustrações ou fotografias, a existência de gráficos e a quantidade em

“Diz aí, mestre” e “=Igualdades” foram excluídos por se tratarem de materiais que deixam de lado a estrutura textual e fogem do padrão observado nos demais conteúdos.

cada matéria, a atualização depois da primeira postagem, com acréscimo de informações, e o uso de hiperlinks. Sobre os links, destacam-se também as funções exercidas por cada um deles.

Busca-se compreender a hiperligação não somente de maneira técnica, mas como parte da narrativa, que exerce também alguma função e, portanto, acrescenta algo ao texto. As funções utilizadas na análise foram baseadas em Mielniczuk (2003), que caracteriza os links em três categorias quanto ao tipo de informação: “editoriais”, do conteúdo informativo do site, “serviços”, oferecidos pelo site, e “publicitários”, de anunciantes ou do próprio veículo.

O que nos interessa neste trabalho são os links editoriais, quando fazem parte de uma narrativa. A autora os divide em subcategorias (Mielniczuk, 2003, p. 137), conforme segue: a) acontecimento: principais acontecimentos do fato noticiado; b) detalhamento: acrescenta detalhes sobre o acontecimento; c) oposição: apresenta argumentos que contestam informações de fontes já citadas; d) exemplificação/particularização: ilustra o acontecimento com exemplos mostrando personagens ou casos

semelhantes; e) complementação/ilustração: oferece dados complementares, externos à matéria, mas que acrescentam ao acontecimento; f) memória: direciona para materiais já publicados sobre o mesmo assunto ou assunto semelhante.

O objetivo de identificar a função exercida pelas hiperligações vem da percepção de que através deles seria possível potencializar algumas das características do jornalismo narrativo, como a contextualização, por exemplo. Além das funções, observou-se para onde os links indicam, conteúdo interno ou externo, e o ‘tipo de material’, documentos na íntegra, notícias semelhantes, fatos anteriores, etc.

Quanto à apuração, foram observadas as fontes utilizadas, o uso de dados e a observação feita pelo repórter no ambiente. A classificação de fontes que serviu como referência para a pesquisa é a de Schmitz (2011). Desse modo, as fontes são separadas por grupo (oficial, empresarial, institucional, popular, notável, testemunhal, especializada e referência) e pelo crédito (identificada ou anônima). Schmitz (2011) define as fontes como:

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (Schmitz, 2011, p. 9).

Acredita-se, ainda, que a utilização das mídias sociais como fontes jornalísticas são um fenômeno recente, especialmente com o aumento da utilização dessas plataformas por figuras políticas para se comunicar com o público (Miguel, 2019). Por isso, destacou-se o uso de postagens como fontes, separadamente das fontes referenciais.

As características de estilo utilizadas foram baseadas em pesquisadores do jornalismo literário, do jornalismo narrativo e das grandes reportagens. Observou-se, por exemplo, se os textos utilizam ou não o *lead* tradicional, se trabalham a contextualização e a humanização,

Figura 1. Esquema para análise dos dados sobre as reportagens

Fonte: Do autor

Matéria	On-line	Apuração	Estilo
Título	Hiperlinks []	Fontes []	Lide tradicional []
Autoria	Finalidades: Para onde leva?	Tipo das fontes:	Como começa?
Número de caracteres	Gráficos [] Ilustrações []	Declarações em redes sociais [] Entrevistas anteriores [] Dados []	Contextualização [] Humanização [] Relatos de personagens []
	Mais de uma imagem []	Matérias anteriores [] Observação dos fatos []	Descrição do personagem [] Descrição de ambiente []
	Atualização []		Figuras de linguagem [] Primeira pessoa []
			Alto nível de detalhes [] Narração de diálogos [] Recuperação de fatos anteriores []

através de relatos de personagens, descrição das fontes, descrição dos ambientes, presença de figuras de linguagem, aparições do repórter na matéria (primeira pessoa), alto nível de detalhamento dos fatos, narração de diálogos e a recuperação de fatos anteriores.

Em síntese, o esquema metodológico utilizado para sistematização dos dados sobre as reportagens pode ser visto na Figura 1:

Além de marcar as ‘alternativas’ presentes, foi possível agregar exemplos e destacar peculiaridades e semelhanças que foram importantes no processo de análise, conforme é possível observar a seguir.

Características do jornalismo literário e do webjornalismo nos especiais da *piauí*

A análise das reportagens especiais da *piauí* possibilitou a identificação de diversos aspectos e tendências que se revelam na produção em webjornalismo, ao mesmo tempo em que mantêm marcas do jornalismo literário. Observar o uso de

certos recursos técnicos, de estilo e de narrativa, a partir das categorias elencadas, constitui um caminho para reconhecer especificidades nos formatos de produção jornalística, conforme exposto nos tópicos abaixo. Compreende-se que, a partir do olhar para essas características em conjunto, é possível identificar especificidades do formato que se materializam nas categorias de análise. Pode-se observar que certos elementos ocupam maior espaço nos modos de produção da *piauí*, tanto no que se refere ao conteúdo, resultante do processo de apuração, quanto ao formato, em que se verifica aspectos da narrativa literária conjugados com recursos do jornalismo em ambiente digital.

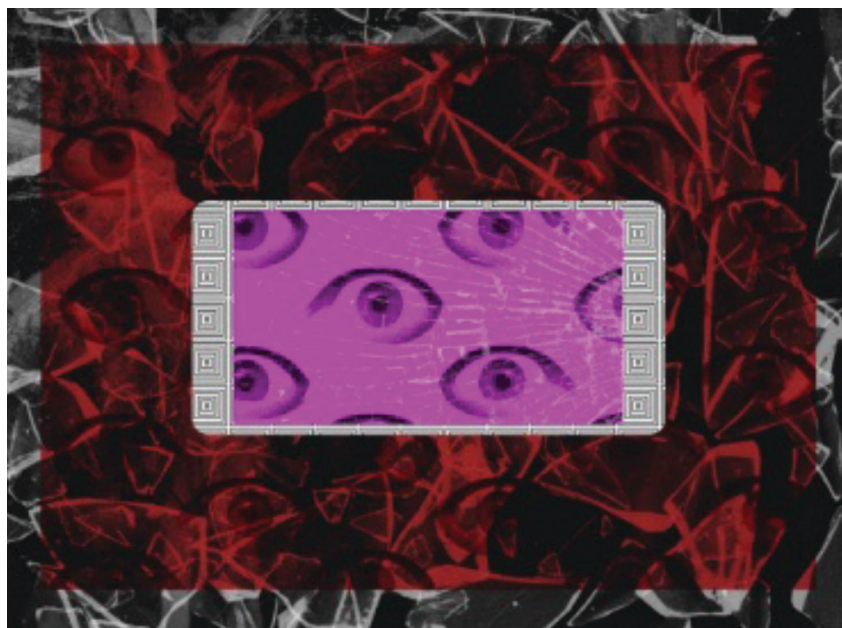
Aspectos do jornalismo on-line

Quem entra na aba de especiais da *piauí* buscando matérias repletas de conteúdo audiovisual e interatividade pode acabar decepcionado. Os textos longos, essencialmente escritos, característicos da revista, são mantidos no portal.

Quem entra na aba de especiais da piauí buscando matérias repletas de conteúdo audiovisual e interatividade pode acabar decepcionado

Figura 2. GIF que ilustra a reportagem “Todo dia uma novinha cai na rede pedófila”

Fonte: João Brizzi / piauí (2018)” por “Brizzi (2018)



Muitas das marcas do impresso estão presentes no site, como é o caso das ilustrações, que são o único aspecto visual da maioria das matérias. Existem estudos sobre o papel da imagem na revista *piauí* e algumas reflexões podem ser mantidas quando se trata do ambiente virtual.

“As edições da *piauí* confirmam: no lugar de notas informativas curtas, cercadas de fotos, temos reportagens longas, com raríssimas fotos” (Carvalho, Sargentini, 2009, p. 4). O mesmo ocorre no on-line. O autor pondera, porém, que a revista também publica ensaios fotográficos quase desprovidos de texto. Assim, parece haver uma valorização do verbal como espaço de reflexão, mas também uma importância atribuída às raras imagens presentes na revista (Carvalho, Sargentini, 2009). A identidade da revista revela-se, assim, atrelada à trajetória do impresso, com uso determinado de recursos visuais.

Com isso, no lugar de matérias repletas de fotos e vídeos, o site traz artes gráficas que ilustram as reportagens. Algumas dessas artes são pensadas para a internet. A matéria “Todo dia novinha cai na rede

pedófila” utiliza ilustração no formato de GIFs (Figura 2). Porém, não é geral a característica de possuir apenas uma imagem. As fotos parecem servir como uma forma de mostrar características da apuração, como páginas de documentos ao longo do texto ou fotos de fontes e eventos que foram acompanhados pelo repórter. Essa peculiaridade está, principalmente, presente nas reportagens da série “Implant Files”, essencialmente investigativa (Figura 3). A única matéria, para além desta série que possui a mesma característica é “Pelo porto de Santos, duas décadas de propinas”, que traz fotos de documentos do processo de investigação da polícia.

A observação reforça a característica de valorização do texto verbal da revista. O estudo de Carvalho e Sargentini (2009) aponta também que, ao contrário de outras revistas, a *piauí* não usa infográficos em suas reportagens. Este é um diferencial do portal já que foram encontrados sete infográficos nas reportagens analisadas.

Parece existir uma tentativa de aumentar a presença desse tipo de material dentro do site. Algumas

reportagens, e isso será tratado com maior afinco no próximo tópico, buscam dados que vão além dos fatos principais, como quantidade de buscas por determinados termos no *Google*, e os ilustram com infográficos, trabalhando com uma especificidade da internet. Um exemplo de gráfico pode ser visto na figura 4.

Outra característica exclusiva de produtos webjornalísticos é a possibilidade de alteração do texto após a publicação. Isso ocorre em três das reportagens analisadas. O motivo da atualização do conteúdo é a obtenção de respostas após o fechamento da matéria, chegada de notas de assessorias ou acréscimo de informação.

Um levantamento da plataforma *Google Trends* sobre as principais pesquisas durante o ano de 2018 no Brasil foi acrescentado em formato de hiperlink, mesmo dois meses após a publicação da matéria. O relatório serve como maneira de reiterar a importância da reportagem produzida pela *piauí*, que trata do recorde de buscas sobre fascismo no Brasil.

É, de fato, um conteúdo que acrescenta informação àquilo que já foi publicado pelo portal. A partir



Funcionário da Medtronic Rui Carlos Gaspar dá palestra sobre a bomba de insulina da empresa, na associação de diabéticos de Sorocaba

Figura 3. Exemplo de foto de evento que ilustra a série Implant Files.

Fonte: Abreu (2018a)

disso, pode-se entrar na característica presente em maior abundância dentro do site e, também, uma das mais relevantes para a análise aqui proposta: as hiperligações.

Verifica-se a presença e as funções das hiperligações dentro da reportagem, visto que podem possibilitar imersão do leitor, indicar imersão do repórter no assunto e também produzir maior contextualização do conteúdo. Entre os 20 textos analisados, apenas cinco não utilizam hiperligações. Eles foram categorizados de acordo com a proposição feita por Mielniczuk (2003). Um mesmo link pode exercer duas funções diferentes. Quantitativamente, as hiperligações de memória são as mais comuns, tendo sido enquadradas 17 ocorrências nesta categoria. Porém, é possível identificar links de todos os tipos no recorte.

As hiperligações de memória estão ligados com uma das principais características do webjornalismo propostas por Canavilhas (2014) e estão também ligados à recuperação de fatos anteriores, citada por Lima (2008) como um dos artifícios do jornalismo literário.

O portal – em suas matérias com muitos documentos, outra característica dos textos em profundidade – usa hiperligações para direcionar o leitor aos documentos completos ou informações extras, que não puderam ser colocadas na matéria. São hiperligações de detalhamento ou complementação. Eles servem como uma maneira de aumentar a profundidade do conteúdo. Um exemplo é “Nos tribunais, o *lobby* das bombas de insulina”, que traz diversos links para ocorrências e documentos de materiais citados.

A mesma matéria possui, também, um exemplo de uso hiperligação de oposição. A reportagem direciona o leitor à nota completa enviada pela empresa citada à redação. A reportagem “Buscas por ‘Fascismo’ batem recorde no *Google*” também possui um link de oposição, indicando para textos que discordam da ligação de Bolsonaro ao fascismo.

Outra característica das hiperligações utilizadas nas reportagens é que a maior parte das que estão ligadas à categoria de acontecimento, ou seja, direcionam para acontecimentos importantes relacionados ao fato

DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS “A B I M O”						
2006 / 2007 / 2008						
PERÍODO	01 – 10	2º	11 – 20	2º	21 – 30	2º
AGOSTO	S J	B	BIO	M	MED	S
SETEMBRO	BIO	M	MED	S	S J	B
OUTUBRO	MED	S	S J	B	BIO	M
NOVEMBRO	S J	B	BIO	M	MED	S
DEZEMBRO	BIO	M	MED	S	S J	B
JANEIRO	MED	S	S J	B	BIO	M
FEVEREIRO	S J	B	BIO	M	MED	S
MARÇO	BIO	M	MED	S	S J	B
ABRIL	MED	S	S J	B	BIO	M
MAIO	S J	B	BIO	M	MED	S
JUNHO	BIO	M	MED	S	S J	B
JULHO	MED	S	S J	B	BIO	M

Sorteio realizado por ordem “semestral”

CONSIDERAÇÕES / OBSERVAÇÕES

- Será realizada nova reunião no final do 1º quadrimestre, para avaliações
- As condições comerciais e percentuais permanecerão inalteráveis
- Para efeito de data a “respostar”, considerar a data “efetiva” da abertura
- Esta grade terá validade somente para atividades do novo Decreto P - 05/2005
- Para as demais atividades, deverá ser respeitada a Tabela GPM, obedecendo a seguir, determinações contidas no edital.
- Respeitar os casos “preferenciais” através de especificações técnicas

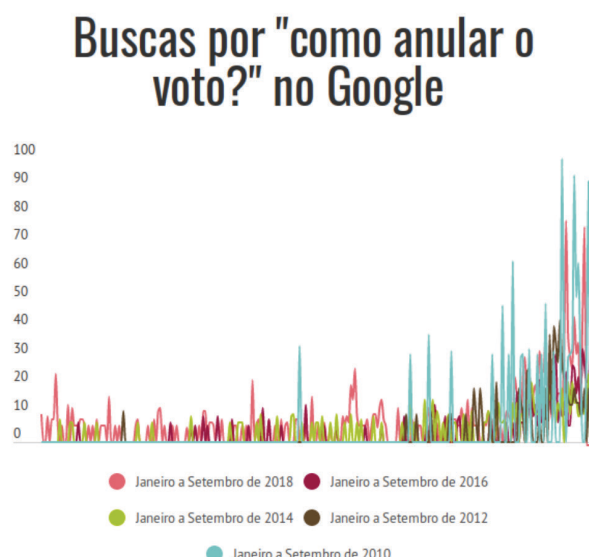
pautado, indicam matérias da *Folha de SP*, que hospeda o portal da *piauí*. A parceria fica evidente nos materiais que são vinculados às reportagens analisadas.

Outro exemplo de uso das possibilidades da internet no portal é o especial “Minhas casas, minha vida”, que aborda o patrimônio da família Temer. A página inicial da reportagem, para além de agregar as matérias complementares, como é o caso de todos os outros, traz também uma hiperligação para o gráfico sobre o patrimônio e oito hiperligações para documentos de todos os imóveis citados na reportagem principal. A página com os documentos pode ser vista na figura 5.

O texto principal foi publicado originalmente na edição de agosto de 2018 da revista, mas foi disponibilizado com duas reportagens complementares e os materiais previamente citados, documentos e gráficos. A reportagem se caracteriza, portanto, como uma narrativa crossmedia, quando um determinado material direciona o leitor para um novo meio (Correia & Filgueiras, 2008; Haas, 2004). As hiperligações utilizadas

Figura 4. Infográfico encontrado na matéria
“‘Como anular voto’ bate recorde no Google”

Fonte: piauí (2018)” por “Ramos (2018)



também se comportam como complementação do material principal.

Aspectos referentes à apuração

Quanto à apuração, uma característica comum a todos os textos é o uso de, pelo menos, uma fonte referencial. É difícil quantificar exatamente as fontes utilizadas em todos os textos analisados, principalmente quando se trata de documentos, já que eles, muitas vezes, não são citados diretamente no texto. Por isso, os números apresentados aqui são, provavelmente, menores que os gerais.

Foram identificadas mais de 100 fontes ao longo de todos os textos. Delas, aproximadamente 60 são referenciais. Destaca-se, novamente, que essa é uma quantificação aproximada. Os documentos, muitas vezes, estão tão diluídos no texto que se torna difícil quantificá-los. Mesmo assim, é possível observar que as referências representam a maior parte das fontes.

Já as ‘fontes pessoas’ são mais facilmente identificadas. São 51 fontes no total dos especiais. Cerca de 10 das fontes contabilizadas são

As hiperligações de memória estão ligados com uma das principais características do webjornalismo propostas por Canavilhas (2014)

anônimas. Isso acontece, principalmente, com as fontes testemunhais, ou seja, as vítimas de abuso, os funcionários que falam sobre a empresa denunciada e os marqueteiros que vendem um serviço ilegal. São cerca de 20 fontes testemunhais e mais 20 que se reúnem entre oficiais, empresariais e institucionais. O restante se concentra em notáveis, especializadas e populares. Além disso, em cinco textos o repórter destaca tentativas de contato que não foram respondidas.

Alguns textos analíticos e que beiram o opinativo, não utilizam nenhuma outra fonte além das referenciais. Os textos que discutem dados de buscas no *Google* ou de *fact checking* durante as eleições, no especial “Anais das redes”, são exemplos que não possuem nenhuma entrevista. Mesmo assim, a carga de informações, seja de dados ou de materiais publicados anteriormente, confere profundidade ao texto.

Enquanto isso, nos demais materiais, o uso das fontes referenciais se dá de outra maneira. Elas parecem servir como base para o desenvolvimento da reportagem e são muito utilizadas pelo repórter para a

Figura 5. Alguns dos links para os documentos dos imóveis citados
 Fonte: O jogo imobiliário dos Temer” (2018)



reconstrução de fatos, como no caso de “Minhas casas, minha vida” ou de “Todo dia uma novinha cai na rede pedófila”, em que documentos de investigações ajudam até mesmo no estilo do texto.

Em muitos dos textos podem ser encontradas características do jornalismo investigativo, que não se diferencia do jornalismo interpretativo pelo formato do texto, mas “pelas estratégias que ele utiliza na fase de apuração” (Sequeira, 2005, p. 62). A autora reconhece a necessidade de desenvolver métodos e operações capazes de garantir uma apuração exaustiva e o tratamento rigoroso das informações a partir do cruzamento de dados obtidos por meio de variadas fontes. O investigativo, para Sequeira (2005, p. 62), é uma categoria que contém os seguintes elementos: “uma dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação entre outros fatos (contexto) e a incorporação do fato a uma tendência e sua projeção para o futuro”.

É fato que algumas das reportagens aqui analisadas tentam “mostrar os meandros da corrupção no setor público” (Sequeira, 2005, p. 61). Os

exemplos mais claros disso são as reportagens “Minhas casas, minha vida”, que investiga Michel Temer, e a “Implant Files”, que investiga empresas responsáveis por implantes no Brasil e faz parte de uma investigação mundial.

Nos casos citados, os documentos são essenciais para a investigação e construção textual da reportagem, mas estão apoiados em entrevistas com pessoas. Em “Implant Files”, a reportagem teve acesso a documentos sigilosos que apoiaram a investigação e estiveram presentes, principalmente, na primeira matéria da *piauí*, na qual foram procuradas somente as defesas dos acusados. Nos demais textos, porém, as fontes testemunhais, que passaram por implantes ou trabalharam nas empresas, ou representantes das organizações citadas funcionam como uma maneira de reafirmar, exemplificar e comprovar aquilo que é encontrado nas referências.

O mesmo vale para as investigações relacionadas a Michel Temer, que partem de processos que servem, até mesmo, para descrever ambientes e conversas, mas estão apoiados em entrevistas com fontes oficiais,

especializadas e testemunhais, envolvidas na investigação.

A reportagem principal do especial “Anais das redes”, “No submundo do marketing político”, ao contrário das citadas até aqui, parte de fontes testemunhais e utiliza, principalmente, as entrevistas com essas fontes, marqueteiros e publicitários, para explicar como funciona o esquema de campanha através do *WhatsApp*. As fontes referenciais ainda aparecem, mas o que dita a reportagem são as pessoas.

Vale destacar que, no caso dessa matéria, as fontes são todas anônimas. A única fonte identificada é uma fonte empresarial, o *WhatsApp*. O mesmo ocorre no especial “Anais do abuso”, no qual as vítimas citadas têm seus nomes omitidos.

Em “Anais do abuso”, o ponto de partida para as reportagens não são documentos ou falas de fontes, mas dados de buscas no *Google* pelos termos “menina”, “novinha”, “lolita”, “garota” e “ninfeta”. Esses dados revelam um crescimento no uso da palavra “novinha”, principalmente quando relacionada a termos sexuais. É a partir daí que o repórter

aprofunda o tema, utilizando como fonte referencial até mesmo letras do funk carioca. Assim como nas outras reportagens já citadas, as fontes oficiais aparecem por último.

Percebe-se, portanto, que no quesito dos processos de apuração, cada reportagem tem suas próprias peculiaridades. É possível observar, entretanto, que dentro de cada especial existe uma linha específica seguida pelo repórter em todos os textos.

Observa-se, porém, que algumas características de apuração estão presentes em todos os especiais. Os infográficos, por exemplo, aparecem em, pelo menos, um texto de cada especial. Alguns trazem dados específicos, como patrimônio ou número de processos, mas a maioria fala sobre buscas de termos específicos no *Google*. A revista parece utilizar esses dados como ganchos ou objetos de análise nas matérias.

Outra observação que merece destaque é o que parece uma ‘ida a campo’ na internet. Ou seja, o registro de observações e descrições do repórter inserido em alguma rede social. Isso acontece, principalmente, no especial “Anais das redes”,

no qual algumas matérias analisam o comportamento dos internautas e da mídia, como “#EleNão supera #EleSim nas redes” ou “Um protesto histórico, menos na tevê”.

Na matéria “Nos tribunais, o lobby das bombas de insulina”, fica clara a participação do repórter em eventos sobre as bombas citadas na matéria, além de observação dos locais citados na reportagem. Ou seja, o repórter sai da redação e se desloca de cidade para apurar. Isso pode revelar uma característica do jornalismo literário tratada por Lima (2008), a imersão do repórter na realidade.

Uma peculiaridade que, de acordo com as observações, é um dos fatores que mais caracteriza os especiais para internet da *piauí* é que os temas das pautas ou seus surgimentos parecem intimamente ligados à internet. É o caso do “Anais das redes”, autoexplicativo, do “Anais do abuso”, em que os dados de busca e de sites pornográficos iniciam a pauta, além de trazer investigações sobre pedofilia na internet e do “Implant Files”, no qual a investigação realizada pela *piauí* faz parte de uma investigação global coordenada através da internet,

além de possibilitar envio de denúncias pelo site. O único material que não segue essa linha é o “Minhas casas, minha vida”, original do veículo impresso.

Questões de estilo

Quanto ao estilo, os vinte textos analisados possuem alguma forma de contextualização, em maior ou menor quantidade. Em seis é possível identificar recursos de humanização. Em 12 textos foi identificado um alto nível de detalhamento. Nove utilizam a recuperação de fatos anteriores e, até mesmo, históricos como forma de contextualização. Sete trazem relatos de personagens. Em 16 textos a primeira pessoa é utilizada de alguma forma, mostrando ‘a revista’ ou ‘o repórter’. Exemplos dessas características serão apresentados ao longo da seção.

O primeiro parágrafo de todos os textos já indica uma mudança com relação ao jornalismo tradicional. O rompimento com o *lead*, citado por Pena (2007), é característico de quase todas as matérias analisadas. Algumas deixam isso mais evidente e

começam de maneira bastante descritiva, como é o caso de “No submundo do marketing político”, que começa com um relato da fonte:

No início deste ano, quando ainda discutia com potenciais candidatos a sua entrada em alguma campanha, um marqueteiro de um político influente do Rio de Janeiro reuniu-se em uma sala comercial no centro da cidade com um personagem do submundo da marquetagem eleitoral (Gaspar, 2018).

A reportagem “Minhas casas, minha vida”, por exemplo, começa descrevendo os imóveis que serão citados na reportagem. Já em “A minha novinha, não!”, o autor começa brincando com as letras do funk carioca: “Vai lá, novinha... Mas não convide para a farra a filha de um dos responsáveis pelo funk que, há pouco mais de dez anos, foi fundamental para transformar o adjetivo em substantivo” (piauí, 2018). Outros textos, os mais breves e analíticos, mantêm um início mais próximo do tradicional, mas o único texto que utiliza do *lead* é “Exclusão

de perfil irregular no *WhatsApp* não bloqueia rede de desinformação”.

O começo mais ‘burocrático’ é característico das matérias complementares do especial “Anais das redes”. Ainda assim, alguns deles não conseguem fazer uso do *lead* tradicional porque não estão ligados especificamente a um fato. A questão é que o “quê?”, “quem?”, “quando?”, “onde?”, “como?” e o “por quê?” raramente aparecem de início nos textos.

É possível observar, inclusive em um dos destaques feitos acima, do início do texto “A minha novinha, não!”, uma espécie de ironia. As figuras de linguagem são frequentes, especialmente em “Anais do abuso”. O repórter personifica a palavra: “A palavra novinha ganhou corpo, hormônios e alta carga erótica” (Molica, 2018). Em outros momentos, ironiza os ‘erros de português’ de um dos funkeiros: “MC Loscar foi outro que apostou no filão e que, a exemplo de outros colegas, não deixou a norma culta da língua interromper a narração do desejo” (Molica, 2018).

O mesmo também ocorre no texto “Minhas casas, minha vida”: “Em 1977, no intervalo de dois meses,

comprou quatro: duas salas comerciais na Bela Vista, região central de São Paulo, e dois terrenos no Butantã, bairro vizinho ao campus da USP. Coisa modesta.” (piauí, 2018).

A humanização também é constante nos textos. Esse fato está diretamente relacionado com o aspecto destacado na seção anterior de uma valorização das fontes testemunhais, mesmo quando elas são anônimas. Um exemplo disso está nas matérias do especial “Implant Files”, em que a equipe conversa com vítimas de implantes malsucedidos e coloca seus relatos na reportagem:

Carolina Pereira Jordão tinha 17 anos quando colocou próteses de silicone, com 215 mililitros em cada seio. Implantou dispositivos fabricados pela Silimed – sediada no Rio de Janeiro, a empresa é a principal fabricante do produto na América Latina e a quinta maior do mundo atualmente (Abreu et al., 2018).

Carolina não é a única testemunha presente na matéria. Os autores descrevem os motivos que levaram

ao implante e quais foram as consequências. Tudo isso é acompanhado de dados e documentos. Outros casos aparecem, também, nos demais especiais. Destaca-se esta reportagem em específico porque, mesmo se tratando de denúncias a grandes empresas e de uma grande investigação, abrem espaço para relatos detalhados de vítimas.

A contextualização é outra ferramenta utilizada nos especiais analisados. Seja através da recuperação de fatos anteriores, seja com a descrição dos ambientes, ou até com a narração de acontecimentos.

Para além dos links para notícias de fatos ocorridos previamente, alguns são recuperados pelo próprio repórter no corpo do texto. Aqui, vale destacar que a contextualização parece muito ligada às características de apuração. Muitas vezes a narração de fatos só é possível através da recuperação de referências.

Um exemplo da contextualização através da descrição dos ambientes está na reportagem “Minhas casas, minha vida”, em que o autor situa o leitor que não conhece a cidade de São Paulo: “A faixa urbana que

começa na ponte do Jaguaré, perto do Parque Villa-Lobos, e se estende pela avenida Pedrosa de Moraes quase em linha reta [...] compreende algumas das áreas mais valorizadas da Zona Oeste de São Paulo” (Abreu, 2018c).

A descrição nasce, provavelmente, de uma observação do repórter. O aspecto da contextualização está presente, em maior ou menor grau e de várias maneiras, em todas as reportagens analisadas.

Observa-se também o uso da primeira pessoa em alguns textos, principalmente relatando aspectos da apuração. Às vezes, ‘a *piauí*’ aparece, como no texto “Por dentro do cartel dos implantes”: “A *piauí* teve acesso aos documentos do Cade e da Polícia Federal, ambos sigilosos, e relata em detalhes [...]” (Abreu, 2018b).

Outras vezes, a própria pessoa se insere no texto. Como é o caso em “No submundo do marketing político”: “Nos últimos dias, conversei com quatro marqueteiros que trabalham para campanhas presidenciais e estaduais e com o dono de uma empresa de publicidade que vende disparos de mensagens para clientes corporativos” (Gaspar, 2018).

O conjunto de características e artifícios citados até aqui reiteram algumas pesquisas anteriores. Colbachini (2011) identificou a ironia e a apuração detalhada como alguns dos recursos predominantes na revista. Além disso, confirmam o ‘alto nível de detalhes’ buscado durante a análise.

Os recursos destacados reiteram, de alguma forma, as colocações de Benetti (2013) sobre o jornalismo de revista. Ao mesmo tempo em que o texto deixa de lado algumas burocracias da linguagem, o repórter se preocupa em demonstrar a seriedade de seu trabalho de outras maneiras. “Se o texto é mais fluido, se os títulos permitem os trocadilhos e os jogos de linguagem (...) então de algum modo o discurso precisa criar ancoragens de que está a tratar seriamente e de forma competente - de forma jornalística - aqueles assuntos tão interessantes.” (Benetti, 2013, p. 54).

Além de ser possível identificar a presença do repórter no modo como o texto é escrito, também pode-se perceber sua participação no material quando explica e interpreta os fatos, ‘dissecando’ as informações para o leitor. Em nove matérias, o

autor relaciona dados a fim de tirar conclusões e demonstrar expectativas ou tendências a partir deles. A opinião, de modo explícito, também está presente em dois materiais do *corpus*.

Pode-se perceber que, além de cada matéria carregar em si informação, análise e opinião ao mesmo tempo, os especiais são formados por peças que, sozinhas, caso fossem definidas, seriam rotuladas com gêneros diferentes entre si. O especial, todavia, constitui um material completo. Portanto, ele carrega uma carga ainda maior de opinião, análise e informação.

Vale destacar, porém, que, assim como nas questões de apuração, o teor dos textos varia muito quanto ao estilo e aos gêneros jornalísticos. As características levantadas aparecem na maioria dos textos aqui analisados, mas os textos mais curtos e que são voltados à análise são bastante objetivos, apesar de fortes em contextualização e detalhamento.

Considerações finais

São diversas as características de grandes reportagens encontradas no site da *piauí*. Pode-se perceber, através

da análise, que alguns aspectos do jornalismo literário, tais como a imersão do repórter, o nível de contextualização, a exatidão e o tratamento interpretativo das informações, a demarcação autoral, entre outros, estão presentes em praticamente todos os textos, principalmente aqueles de maior destaque em cada especial. A contextualização está nas reportagens através da grande quantidade de detalhes, recuperação de fatos anteriores, descrição de ambientes e a humanização, com relatos de personagens, narração de diálogos e descrição das fontes.

Da mesma forma, se percebe a ausência da mesma estrutura de objetividade que é encontrada no jornalismo diário, que transparece através do *lead* e até mesmo no modo como são formuladas as frases. Os textos da *piauí*, em sua maioria, não possuem o *lead* tradicional. Alguns dos textos optam pela abertura com a descrição de lugares ou situações, com citações e ironia ou até mesmo com a descrição de dados. Outra característica é a aparição ‘da *piauí*’ ou do próprio repórter em diversas reportagens, descrevendo partes do processo de apuração.

Isso pode ser relacionado aos traços do jornalismo de revista, que destacam a necessidade de utilizar artifícios que comprovem a seriedade da reportagem para além do estilo livre (Benetti, 2013). Da mesma forma, pode estar relacionado a uma característica editorial da *piauí*, que permite o uso de recursos narrativos e a experimentação de estratégias de apuração.

A importância dada ao fator editorial pode ser considerada grande porque a revista consegue manter um padrão nos textos, mesmo com uma grande quantidade de colaboradores e *freelancers*. A página de colaboradores da *piauí* concentra 1251 nomes. Além disso, na leitura de trabalhos como o de Valentini (2011) ou, até mesmo, de textos de apresentação da *piauí*, são revelados aspectos editoriais presentes desde o surgimento da revista.

Com relação ao webjornalismo, percebe-se uma grande quantidade de hiperligações e, em menor quantidade, de gráficos. Discutimos durante a análise que essas hiperligações podem funcionar como uma maneira de potencializar recursos da reportagem, contextualizando o leitor e demonstrando imersão do repórter

na realidade. A imersão tratada aqui, porém, está mais ligada àquela trabalhada nas referências levantadas sobre jornalismo literário do que à tratada por Murray (2003). Ou seja, o texto e o formato que se encontra no site são muito parecidos com o que já era feito na revista.

Uma especificidade dos textos on-line é que as pautas e a apuração das reportagens parecem estar intimamente ligadas com a internet. O uso dos dados de buscadores, por exemplo, é um movimento que serviu como base para diversos dos textos analisados. Ou seja, quando a internet se torna o meio de divulgação, ela parece também se tornar a pauta e uma ferramenta importante de apuração. Já em “Implant Files”, a peculiaridade é o modo de apuração colaborativa realizada com jornalistas de todo o mundo, utilizando o suporte da internet.

O que fica excluído dessa colocação é o especial “Minhas casas, minha vida”, que foi originalmente publicado na versão impressa da revista. A reportagem se coloca, porém, como um exemplo de como a revista e o site podem conversar. O texto publicado

no impresso já se configura como uma investigação completa, mas o material on-line complementa tanto o texto em si, com documentos, gráficos, e links, quanto a história, na medida em que investiga desdobramentos do caso.

Outro elemento destacado como comum entre os especiais é uma característica de durabilidade. São textos que não têm caráter datado e podem, até mesmo, ser recuperados na medida em que surgem ‘novos ganchos’, como é o caso do que ocorreu com a investigação sobre Michel Temer, que voltou para a página inicial quando ele foi preso.

O fato é que os materiais estão longe da inovação proposta por alguns pesquisadores e da “grande reportagem multimídia”. Porém, isso traz uma reflexão: é necessário que uma reportagem seja cheia de artifícios somente porque eles estão disponíveis com a internet? O ‘bom’ webjornalismo precisa utilizar todos os recursos de multimedialidade mencionados nas pesquisas?

A análise do portal da *piauí* sugere a possibilidade de uma reflexão mais ampla sobre o webjornalismo e as possibilidades do jornalismo

O fato é que os materiais estão longe da inovação proposta por alguns pesquisadores e da “grande reportagem multimídia”.

literário, bem como o estudo do objeto com base no seu formato. A *piauí*, apesar de não se apresentar como um possível modelo ao jornalismo, revela diversas potencialidades que podem ser exploradas em produções especiais, tanto com relação ao web-jornalismo, quanto com o jornalismo literário. Entende-se, por fim, que há diversas formas de apropriação do on-line, que apresentam maior ou menor interesse em desenvolver aspectos de multimidialidade e interatividade, por exemplo.

Para além do deslumbre com uma nova tecnologia ou das questões estéticas, deve-se pensar em pesquisas que tratem os recursos disponíveis como ferramentas que podem ser utilizadas para melhorar o modo como contamos histórias. E, a esse respeito, as reportagens publicadas no portal da *piauí* oferecem aspectos importantes acerca da forma e do conteúdo do jornalismo de revista em tempos de convergência, demonstrando a internet como dispositivo de apuração para as investigações e como meio para publicação de artifícios que auxiliam na compreensão do texto e/ou o tornam mais interessante.

Referências

- Abreu, A. (2018a, 18 de dezembro). Nos tribunais, o lobby das bombas de insulina. *piauí*. <https://piaui.folha.uol.com.br/nos-tribunais-o-lobby-das-bombas-de-insulina/>
- Abreu, A. (2018b, 25 de novembro). Por dentro do Cartel dos Implantes. *piauí*. <https://piaui.folha.uol.com.br/por-dentro-do-cartel-dos-implantes/>
- Abreu, A. (2018c, agosto). Minhas casas, minha vida: Patrimônio imobiliário da família Temer cresce quase cinco vezes em vinte anos e chega a 33 milhões de reais. *piauí*. <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/minhas-casas-minha-vida/>
- Abreu, A., Esteves, B. & Zarur, C. (2018, 26 de novembro). Vítimas de implantes de silicone malsucedidos cobram fabricante na Justiça. *piauí*. <https://piaui.folha.uol.com.br/vitimas-de-implantes-de-silicone-malsucedidos-cobram-fabricante-na-justica/>
- Beltrão, L. (1976). *Jornalismo interpretativo: Filosofia e técnica*. Sulina.
- Benetti, M. (2013). Revista e jornalismo: Conceitos e particularidades. In Tavares, F. & Schwaab, R. (Eds.), *A revista e seu jornalismo* (pp. 44-57). Penso.
- Braga, J. L. (2006, 6 a 9 de setembro). *Roda Viva – uma encenação da esfera pública* [Apresentação de trabalho]. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília. <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/26161544805804374941009695920826146068.pdf>
- Brizzi, J. (2018). [Ilustração]. *piauí*. https://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2018/03/07mar2018_novinha3.gif
- Canavilhas, J. (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Livros LabCom.
- Carvalho, P. H. V. de. (2008). *Piauí: Brasilidade e memória no jogo discursivo contemporâneo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCar. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5673>
- de Carvalho, P. H. V., & Sargentini, V. M. O. (2009). O Papel da imagem em “uma revista para quem gosta de ler”: *piauí*. *Revista da Anpoll*, 2(27). <https://doi.org/10.18309/anp.v2i27.148>
- Colbachini, M. L. (2011). *Sentidos resolvidos na Revista Piauí: (a*

- intersecção da linguagem literária e jornalística*) [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2011.820344>
- Correia, D., & Filgueiras, L. (2008). *Introdução à mídia cruzada: Tutorial*. Grupo de Estudos em Integração da Escola Politécnica de São Paulo da USP.
- Fontana, M. (2006). Os limites entre fato e ficção: jornalismo literário em perspectiva. *Anais do Evento PG Letras 30 Anos*, 1(1), 325–333. <http://parlamidia.com/images/PDF/jornalismo-literatura.pdf>
- Gaspar, M. (2018, 22 de outubro). No submundo do marketing político. piauí. <https://piaui.folha.uol.com.br/o-submundo-do-marketing-politico-vem-tona/>
- Haas, M. D. (2004, 15 de novembro). *Current State of Cross Media Storytelling: Preliminary observations for future design* [Apresentação de trabalho]. European Information Systems Technologies Event, Haia, Holanda. <https://bit.ly/3xVy07f>
- Lenzi, A. (2019). A grande reportagem multimídia como expressão plena do jornalismo online: dos sucessos pioneiros aos produtos nativos digitais. In F. Henriques, P. Calvo, L. L. Ito, R. Longhi, L. A. Ogando, & M. Martinez (Orgs.), *Gênero, notícia e transformação social* (pp. 279-299). Ria Editorial. <http://www.riaeditorial.com/index.php/genero-noticia-e-transformacao-social/>
- Lima, E. P. (2008). Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima. *Story Coach Academia*. <https://edvaldopereiralima.com.br/verbetes-elaborados-por-edvaldo-pereira-lima/>
- Melo, J. M. (1985). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Vozes.
- Meditich, E. (1998). Jornalismo como forma de conhecimento. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 21(1). <https://doi.org/10.1590/rbcc.v21i1.956>
- Mielniczuk, L. (2003). *Jornalismo na Web: Uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual* [Tese de doutoramento, Universidade Federal da Bahia, Salvador]. Repositório Institucional da UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6057>
- Miguel, L. F. (2019). Jornalismo, polarização política e a querela das fake news. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 16(2), 46–58. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p46>
- Molica, F. (2018, 5 de março). A minha novinha, não!. piauí. <https://piaui.folha.uol.com.br/a-minha-novinha-nao/>
- Murray, J. H. (2003). *Hamlet no holo-deck: O futuro da narrativa do ciberespaço*. Unesp.
- O jogo imobiliário dos Temer (2018, 2 de agosto). piauí. <https://piaui.folha.uol.com.br/minhas-casas-minha-vida/>
- Palacios, M. (2010). Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. *MATRIZES*, 4(1), 37-50. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i1p37-50>
- Pena, F. (2007). O jornalismo literário como gênero e conceito. *Revista Contracampo*, (17), 43-58. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v2i17.349>
- Pires, G. de P. (2016). *O jornalismo científico na revista piauí: Uma análise de notícias, reportagens e perfis* [Dissertação de Mestrado,

Universidade Estadual De Ponta Grossa]. Repositório da UEPG. <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/57>

Ramos, M. (2018, 27 de setembro). “Como anular voto” bate recorde no Google. piauí. <https://piaui.folha.uol.com.br/como-anular-voto-bate-recorde-no-google/>

Schmitz, A. (2011). *Fontes de notícias: Ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Combook.

Seixas, L. (2009). *Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação*. LabCom Books.

Sequeira, C. (2005). *Jornalismo investigativo: O fato por trás da notícia*. Summus Editorial.

Sommer, V. L. (2005, 5 a 9 de setembro). *A pesquisa-ação no processo de ensino-aprendizagem: Uma experiência empreendida no Curso de Jornalismo da Univali* [Apresentação de trabalho]. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1709-1.pdf> Valentini, G. G. (2011). *A liberdade para apurar os*

sentidos do mundo: a produção de reportagem na revista piauí [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis]. Repositório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95392>